
AMORICO: ABRIGO INSTITUCIONAL PARA CRIANÇAS

AMORICO: INSTITUCIONAL SHELTER FOR CHILDREN

Caroline Valderramas Alves¹

Wilton Dias da Silva²

Resumo

Situações como abandono, negligência e violência doméstica são alguns dos fatores que acarretam o acolhimento de crianças e adolescentes em abrigos institucionais. Alguns desses abrigos, infelizmente, são desprovidos de infraestrutura adequada, assim como sistemas pedagógicos coerentes aos menores que estão abrigados. Por isso, este artigo visa pesquisar e entender sobre abrigos institucionais para crianças, visando compreender as necessidades da edificação e dos menores. Desta forma, procurou-se desenvolver um programa de necessidades que garanta os direitos de segurança, lazer e moradia quanto ao que o projeto arquitetônico pode realizar, mas também acrescentar modernidade, aconchego e ambientes diferenciados no mesmo, para propor um projeto que supra as deficiências do tradicional e sirva de exemplo para futuras edificações com essa finalidade.

Palavras-chave: Abrigo institucional, crianças, acolhimento, arquitetura humanizada.

Abstract

Situations like abandon, negligence and domestic violence are some of the factors that result in children and teenagers being sent to the foster care system facilities. Unfortunately, some of these shelters do not have the appropriate infrastructure or the pedagogical support that all foster kids need. On that account, this article aims to research and understand everything about foster homes for children and try to provide for all of their and the facilities' needs. Furthermore, sought to develop a program to assure not only their basic rights to safety, leisure and housing, but also to provide them with a modern and cozy environment in order to overcome all of the system's deficiencies and become an example for future projects that aim to do the same.

Keywords: Institutional shelter, children, host, humanized architecture.

¹ Faculdades Integradas de Bauru, carolinevalderramas.arquitetura@gmail.com

² Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Bauru, arq.wiltondias@gmail.com

INTRODUÇÃO

As crianças em vulnerabilidade social podem estar sob medida protetiva por vários motivos, como a perda dos pais, abandono, ou por situações de abuso ou negligência, tendo de ser separadas de sua família. Em 2018, 47 mil crianças e adolescentes viviam em abrigos pelo Brasil, sendo que a maioria delas se concentram nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Somente 17,8% dessas crianças e adolescentes estavam no Cadastro Nacional de Adoção (LENCIONI, 2018).

Diante deste cenário, este projeto teve como objetivo criar um abrigo institucional para crianças na cidade de Bauru. Desta forma compete ao abrigo acolher, proteger e cuidar, oferecendo ambiente acolhedor, condições institucionais, vínculo com o cuidador, rotina e participação na comunidade local, garantindo assim, qualidade no atendimento (BRASÍLIA, 2009).

Para tanto, primeiramente foi necessário compreender os desprovimentos de abrigos institucionais que já existem e as necessidades do público alvo, para assim desenvolver um programa de necessidades adequado e inovador.

O projeto não buscou cumprir apenas a sua função, mas também de ser um lugar moderno e aconchegante, onde as crianças poderão ter autonomia, moldar sua personalidade e também participar da comunidade local.

O local escolhido para implantação do abrigo foi o bairro Jardim Marambá, na cidade de Bauru/SP (interior do Estado de São Paulo), por ser uma área predominantemente residencial e com uso misto em seu entorno, como comércios, serviços locais, instituições de ensino e áreas de lazer.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia classifica-se como pesquisa básica, exploratória, explicativa, visando pesquisar sobre o assunto tratado e fazer estudos de casos. Foi necessário realizar pesquisa qualitativa, onde foram feitos os estudos de casos de abrigos, identificando seus pontos positivos e suas deficiências, e conseguindo assim compreender as necessidades do projeto.

Também foi realizado um estudo para mapeamento da área de implantação do projeto, com levantamento topográfico e a produção de mapa de uso e ocupação do solo,

mapa de gabarito das edificações vizinhas e mapa de hierarquização das vias de acesso ao abrigo.

Além da produção dos mapas e leitura da área de implantação, também foram realizados estudos relacionados à exposição da radiação solar e ventos predominantes, visando melhor adequar a edificação com as condições climáticas incidentes sobre a área.

Posteriormente, em posse de todas as informações, foi elaborado o projeto arquitetônico através de softwares específicos de arquitetura, sendo que para a realização dos desenhos técnicos foi utilizado o AutoCAD, para a maquete eletrônica o SketchUp, para renderização de imagens o V-Ray e para tratamento das imagens, confecção das pranchas e detalhamento dos desenhos técnicos o Photoshop.

Com este trabalho podemos entender melhor a importância do tema, servir de fonte para trabalhos acadêmicos similares, além de contribuir como inspiração para futuros projetos de abrigos institucionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade: história e atualidade no Brasil

Historicamente, conforme explica Berger (2005), as crianças já sofreram muito por falta de medidas protetivas. No período colonial a igreja incorporava crianças índias ao trabalho, e com o surgimento da economia exportadora as crianças acabavam se tornando escravas. Por muito tempo essa situação se manteve, mesmo após 1888, quando houve a Abolição da escravidão, pois ainda não havia nenhuma mudança oficial sobre asilos e escolas infantis que exploravam o trabalho infantil.

Apenas em 1924 foram criados o Conselho de Assistência e Proteção aos Menores e o Abrigo de Menores, e em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para finalmente trazer justiça à infância e à juventude. No governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva houveram mais mudanças positivas, como a criação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SPDCA) e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que dá assistência aos programas que atendem os menores em situação de vulnerabilidade. (BERGER, 2005).

Morais (2009) explica que existem diversos eventos na vida de uma criança ou adolescente que as torna vulneráveis, como situações de pobreza, desagregação familiar, violência, maus tratos, abandono, etc. E esses fatores são considerados estressores, podendo trazer consequências negativas para as mesmas, como por exemplo o uso de drogas. Moraes (2009) conclui que os modelos protetivos podem operar na vida dos menores neutralizando os efeitos de risco.

Serviços de acolhimento para crianças e adolescente: definições, panorama e legislações

Brasília (2009), estabelece no documento “Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Criança e Adolescentes” os diferentes tipos de acolhimento, a fim de adequar as demandas da população infanto-juvenil, sendo estes:

- Abrigo Institucional: oferece acolhimento provisório a crianças e adolescentes por meio de medida protetiva, cumprindo sua função de cuidado e proteção. Deve ser semelhante a uma residência e pode abrigar até 20 crianças e adolescentes;
- Casa-Lar: possui a mesma função do abrigo, porém é um acolhimento oferecido em unidades residenciais e abriga até 10 crianças;
- Famílias acolhedoras: podem se cadastrar para acolher provisoriamente uma criança ou um grupo de irmãos;
- República: oferece apoio e moradia subsidiada a um grupo de até 6 jovens entre 18 e 21 anos.

Conselheiro (2009), frisa que um abrigo não tem o papel apenas de moradia, mas também de cuidado, afeto e incentivo a vínculos e relações afetivas, pois precisa ser um ambiente seguro e que estimule a autonomia do usuário.

Conforme Brasília (2009), o público alvo são crianças e adolescentes de 0 a 18 anos sob medida protetiva de abrigo, não podendo ter direcionamento a um determinado sexo e nem restrições a crianças com deficiência ou com HIV. Estabelece também que quanto aos aspectos físicos, deve seguir o padrão arquitetônico das residências da comunidade em que

está inserido, e possuir um grupo profissional mínimo de: coordenador, equipe técnica, educador, cuidador e auxiliares. Deve ter 1 cuidador a cada 10 crianças (por turno), e a edificação deve ter uma Infraestrutura mínima com quartos, sala de estar ou similar, sala de jantar, ambiente para estudo, banheiro e cozinha, todos com padrões e metragem estabelecidos no documento de orientações técnicas.

A percepção de cuidadores de crianças institucionalizadas

Magalhães, Costa e Cavalcante (2011) fizeram um estudo com 102 educadores e funcionários de abrigos, entre 2004 e 2006, para analisar a percepção sobre o trabalho que eles realizam na vida das crianças institucionalizadas. Os dados revelaram que apesar das instituições estarem destinadas a zelar de forma integral pela criança, na prática esses cuidados se limitam a saúde física, mas não conseguem suprir o desenvolvimento social e intelectual. A maioria das educadoras concordam que a criança não recebe atendimento individualizado, devido ao cumprimento de muitas tarefas diárias de crianças de diferentes faixas etárias, resultando na falta de momentos para tratar cada criança como um ser único e respeitar suas particularidades.

Brandão e Williams (2021) ressaltam que muitos abrigos não têm estrutura física compatível com o número de abrigados e frisa que a falta de comunicação dificulta o cumprimento de medidas de proteção necessárias, como por exemplo a fuga dos menores, que acontece em alguns abrigos e é algo que deveria ser impossível de acontecer.

Não existe abrigo perfeito, portanto eles ainda precisam ser modificados interiormente em vários aspectos para melhorar o atendimento às necessidades das crianças, além de uma melhor elaboração de um projeto pedagógico que seja capaz de melhorar essa realidade e a crença dos educadores em seu trabalho (MAGALHÃES, COSTA, CAVALCANTE, 2011).

A humanização dos abrigos institucionais

Diante dos estudos realizados, foi possível identificar a falta de humanização dos abrigos institucionais, portanto visamos entender sobre a humanização da arquitetura destes locais e buscar medidas para suprir esta falta.

A humanização da arquitetura em abrigos institucionais compreende oferecer bem-estar ao usuário, garantindo conforto termo acústico, uso de cores, paisagismo, ergonomia, dimensões que transmitam sensação de acolhimento, entre outros. Para assim minimizar a percepção da criança quanto ao distanciamento do seu lar de origem (GUEDES, 2017). Portanto cabe ao arquiteto produzir um espaço que se enquadre nessas questões para atender a qualidade de vida das pessoas destinadas a utilizar o espaço.

Queiroz (2020), explica que a presença de vegetação auxilia no desenvolvimento cognitivo infantil, podendo ser inserida de forma planejada nos espaços, agregando não só valor estético, mas também dando apoio no trabalho da educação, auxiliando nas brincadeiras, ensinando o plantio, estimulando a atividade lúdica e criatividade e diminuindo o stress. Além disso, também traz conforto térmico e favorece a criança que vive em abrigos com os benefícios do contato com a natureza.

A interação com a natureza também agrega muito valor à vida dos menores, além da prática desportiva na comunidade, ter um local para essas atividades na instituição contribui para a socialização dos acolhidos. Segundo Paula (2011), o esporte pode ter um papel importante para os jovens acolhidos, visto principalmente que muitos são separados de suas famílias e tem que encontrar outras formas de apegos e vivências que as ajudarão psicologicamente.

Guedes (2017) explica que existem três elementos para uma arquitetura humanizada:

- A flexibilização espacial: que possibilita alterações do espaço de acordo com as necessidades do usuário;
- A relação interior-exterior: que não se trata apenas de presença de natureza na área externa, mas também em trabalhar com claros e escuros, transparências e opacidades, cheios e vazios, entre outros elementos, fazendo com que a área externa seja uma consequência da interna, causando uma relação harmônica entre ambos;
- E o conforto termo acústico: que é a condição de bem-estar em relação a luz, som e ao calor.

De acordo com Savi (2018), as salas, quartos e banheiros devem seguir formas planas pois trazem sensação de proteção, já os ambientes externos, devem fazer uso de formas inclinadas, diferentes níveis e escalas para trazerem sensação de proteção, e deve-se trabalhar com curvas em caminhos secundários para proporcionar ludicidade. Savi (2018) também afirma que elementos estéticos, uso de cores apropriadas para cada ambiente e ambientação interna podem estimular a aprendizagem e exploração dos sentidos. Também destaca a importância de o prédio possuir fácil manutenção e segurança e que o setor administrativo esteja separado da habitação.

Obras correlatas

A Casa de acolhimento para menores, em Kerteminde, o Centro de bem-estar para crianças e adolescentes, em Paris, e a Casa Rana, em Tiruvannamalai, são as obras que serviram de correlatos, sendo referências para o projeto (figura 1).




OBRA			
Nome Autor Local	Casa de acolhimento para menores CEBRA Kerteminde - Dinamarca	Centro de bem-estar para crianças e adolescentes Marjan Hessamfar & Joe Vérons Paris - França	Casa Rana Made in Hearth Turuvannamalai - Índia
Data	Inaugurado em 2014	Inaugurado em 2013	Inaugurado em 2013
Referência para o trabalho	Desenho típico das casa Dinamarquesas, respeitando o entorno; Autonomia das crianças na decoração; Programa de necessidades rico.	Entrada de luz natural; Todo o mobiliário do prédio foi feito pelos arquitetos para garantir um ambiente acolhedor	Cortina de bambu que da a volta na casa, criando sombras; Cores.
Como será utilizado no trabalho	A fachada respeitará o estilo arquitetônico da vizinhança e a autonomia das crianças	Uso de cheios e vazios para entrada de luz natural e projeto de interiores	Nos cheios e vazios, que criam sombras e no uso de muitas cores

Figura 1. Projetos correlatos (Fonte: Produção do autor, com informações de Archdaily)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Análise e caracterização do local de implantação do projeto

O local de implantação do projeto fica na esquina com a Rua Vítor Curvello de Ávila Santos e a Rua Narciso José Craveiro, no Bairro Jardim Marambá, região na qual começou com a implantação do Condomínio Residencial Parque das Camélias, inaugurado em 1990, depois se instalaram os primeiros estabelecimentos comerciais, e com o tempo o bairro foi ganhando características de uma pequena cidade (FERRARI, 2012).

O terreno possui 5.801,52 m², entretanto foram utilizados apenas 2.270,05 m² para o abrigo, e o restante ficará reservado para uma ou duas futuras unidades de abrigos.

Após a análise de uso e ocupação do solo do entorno (figura 2), foi possível notar que há predominância de uso residencial, porém, os usos institucional, serviços, comercial e áreas subutilizadas também demonstram relevância na área.

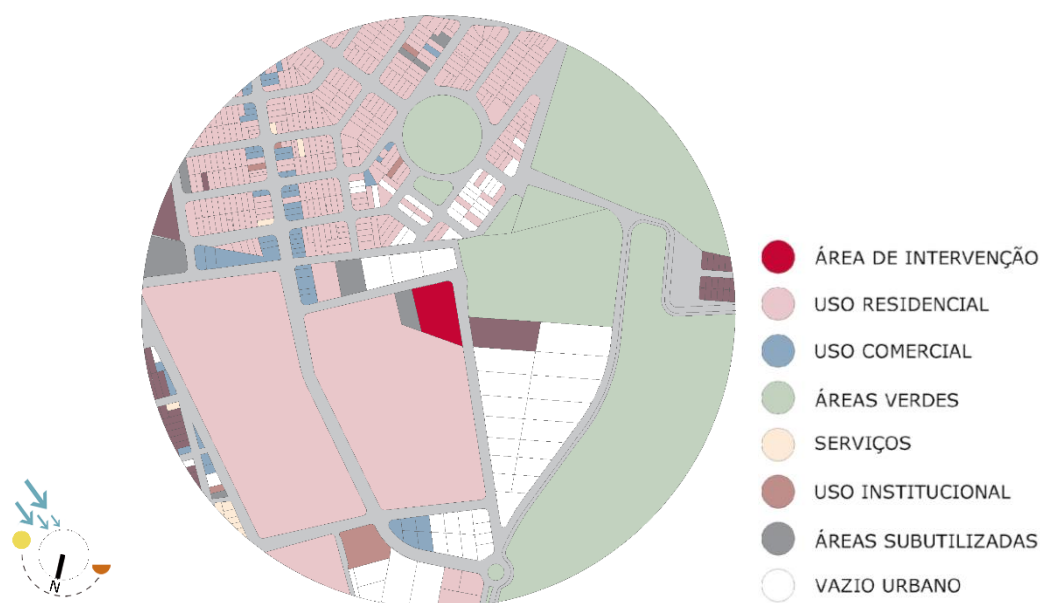


Figura 2. Mapa de Uso e Ocupação do Solo, sem escala (Fonte: Produção do autor, adaptado de mapa de prefeitura de Bauru/SP)

Os lotes de uso comercial e os vazios urbanos são os que mais chamam a atenção, não pela quantidade, mas visto que esta região é relativamente nova e vem crescendo cada vez mais. Na avenida Orlando Ranieri muitos lotes que antes eram residenciais estão se

tornando comerciais e os lotes situados na rua do local de implantação do abrigo encontram-se sem uso.

Na análise de gabaritos, conclui-se que o gabarito predominante é baixo, visto que a maioria dos lotes são ocupados por edificações de até dois pavimentos, e, em análise conjunta ao Mapa de Uso e Ocupação, podemos chegar à conclusão de que essas edificações se dividem entre habitações unifamiliares, comércio, serviços e institucionais. Já os lotes que são ocupados por três ou mais pavimentos, são minoria e correspondem a edificações multifamiliares (figura 3).

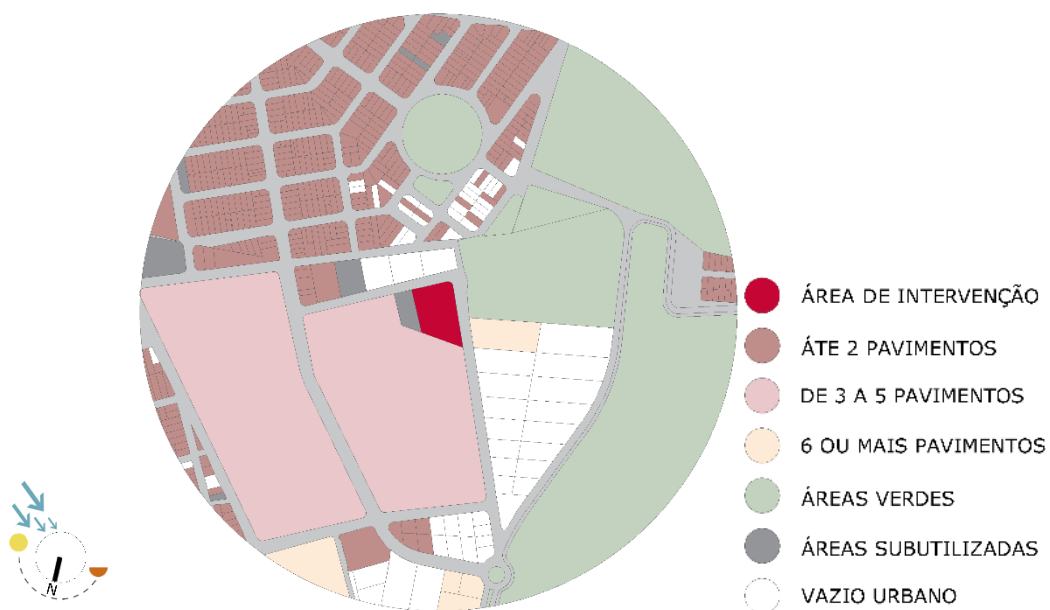


Figura 3. Mapa de Gabaritos, sem escala (Fonte: Produção do autor, adaptado de mapa de prefeitura de Bauru/SP)

Com o mapa de hierarquização do sistema viário, pode-se notar que as Avenidas Orlando Ranieri e Jorge Zaiden são arteriais e possuem alto fluxo de veículos, as vias que levam para essas avenidas são as coletoras e o fluxo é leve e as demais vias são locais e são de trânsito leve tornando o local tranquilo sem muita agitação (figura 4).

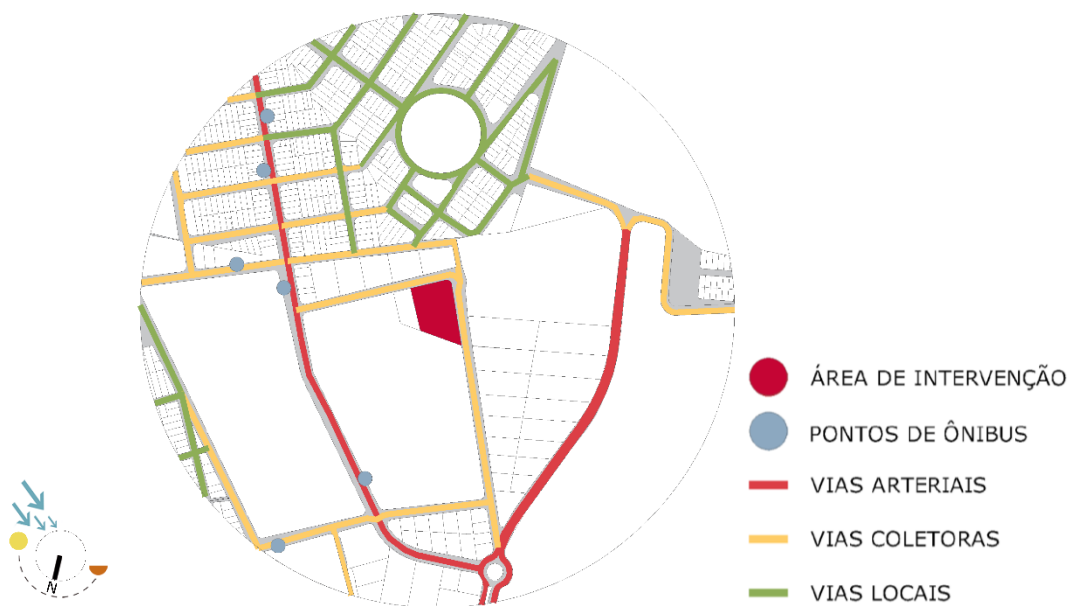


Figura 4. Mapa de Hierarquização do Sistema Viário, sem escala (Fonte: Produção do autor, adaptado de mapa de prefeitura de Bauru/SP)

O conceito e a composição do partido arquitetônico

Como o abrigo institucional é um lar transitório, o nome dado ao abrigo foi Amorico por conta do significado da palavra ser: Amor passageiro. O conceito é transmitir mais lar e menos instituição, fazendo com que as crianças se sintam acolhidas e possam colecionar boas memórias neste lugar que trará a junção da arquitetura humanizada com o ambiente residencial.

O partido traduziu o conceito em sua arquitetura, com a aparência de uma residência, e trazendo os três elementos da arquitetura humanizada (GUEDES, 2017) desde sua fachada, que terá brises móveis e coloridos, até o interior, os quais virão para transformar a experiência do usuário. Os ambientes trarão estímulos à criatividade e ao desenvolvimento da personalidade, sendo ambientes aconchegantes e com o uso de formas, materiais, mobiliários, vegetação e paleta de cores que estimulam os cinco sentidos.



Figura 5. Fachada casa (Fonte: Produção do autor)

Diretrizes projetuais: programa de necessidades

Conforme Savi (2018) explica, é importante que a parte administrativa seja separada da habitação, por isso trabalhamos com duas edificações dentro do terreno, em dois níveis diferentes. Na imagem abaixo, é possível visualizar a edificação administrativa ao lado esquerdo da imagem, e a residencial ao lado direito.



Figura 6. Área externa (Fonte: Produção do autor)

A edificação administrativa (escritório) ficou no nível mais baixo, com estacionamento, sala de espera, copa, banheiros, sala técnica, coordenação, administração, sala de reuniões e sala de espera.

Já a edificação residencial (casa) trouxe o hall de entrada, área de jogos, oficina, estar, e sala de jantar integrados (formando um grande pátio), banheiros sociais, sala de TV, sala de estudos, cozinha, área de serviço, cinco suítes (sendo cada uma destinada a uma faixa etária)

e suíte dos cuidadores. A área externa é rica em jardins, com deck para refeições ao ar livre, redários, horta e mini campo *Society* (ver figura 5).

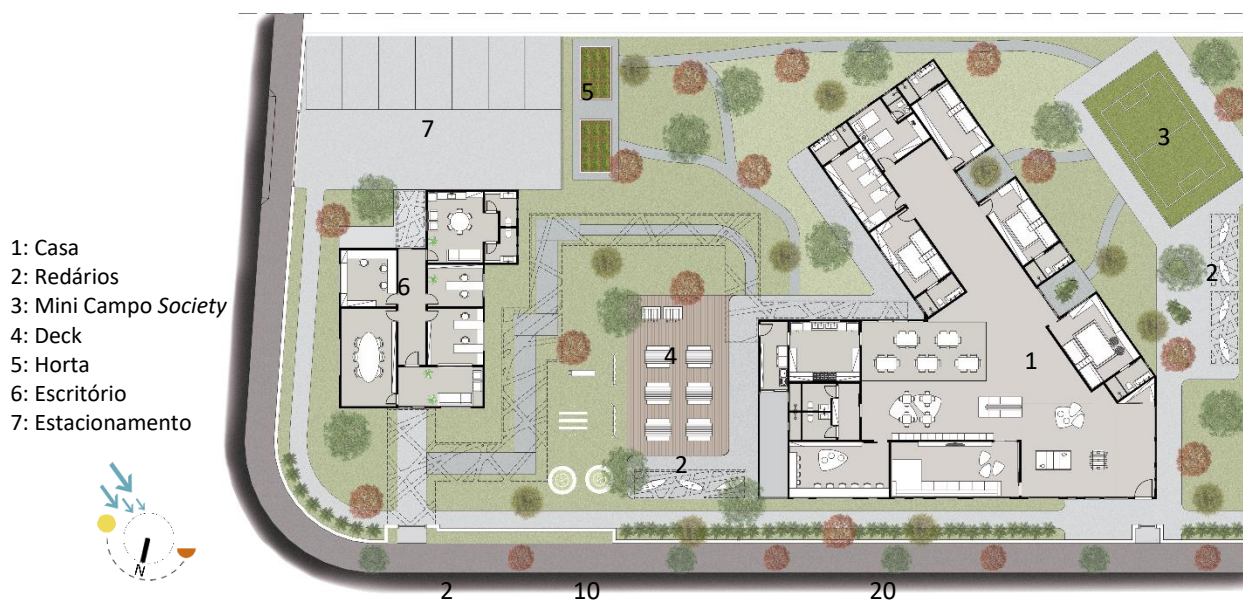


Figura 7. Implantação (Fonte: Produção do autor)

Ambientação e humanização do Abrigo Amorico

O Abrigo Amorico foi projetado atendendo a todas as orientações técnicas conforme estabelecidas por Brasília (2009). Portanto, será inserido em bairro residencial, o local terá aspecto semelhante a uma residência, sem instalação de placas indicativas de que o local é um abrigo, garantindo também o incentivo a participação na comunidade local. Também não foi atribuído atendimento exclusivo e nem adotada faixas etárias muito estreitas.

A faixa etária adotada foi de 0 (zero) à 12 (doze) anos, e os ambientes foram pensados para eles, e visando a melhor funcionalidade para os atendimentos dos cuidadores aos menores. Portanto são bem espaçosos, com fluidez de trânsito de pessoas e com diversas atividades para entreter as crianças, seguindo a infraestrutura e espaços mínimos sugeridos nas orientações, assim como as metragens. Mas ainda assim garantindo o conforto, a humanização do lugar e estímulos para as crianças.

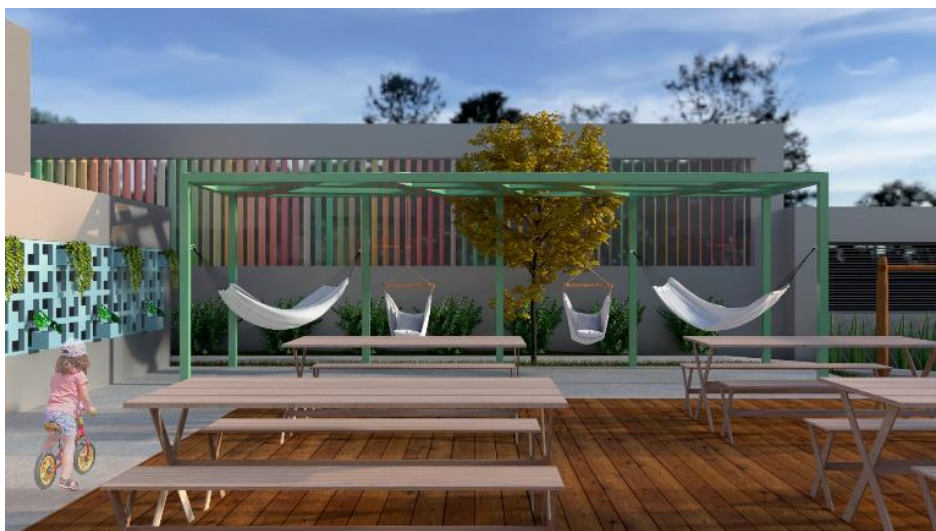


Figura 8. Deck e redário (Fonte: Produção do autor)

Foi trabalhado os três elementos para uma arquitetura humanizada - elementos essenciais - conforme explicados por Guedes (2017). Para isso foi introduzido o planejamento de flexibilização espacial, que permite as alterações dos espaços conforme o tempo.

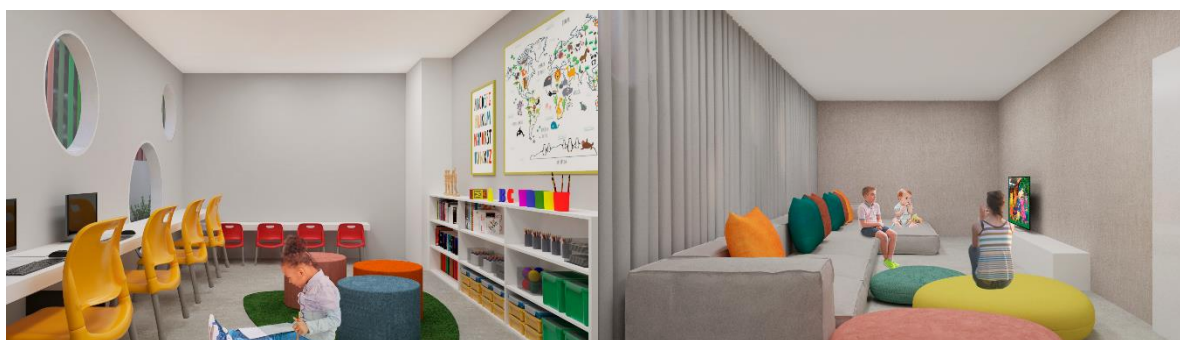


Figura 9. Sala de estudos e sala de TV (Fonte: Produção do autor)

Também foi pensado na relação entre interior e exterior com jardins que “invadem” a casa, integração da sala de jantar com o deck e janelas com lindas vistas dos jardins da casa, contribuindo assim com o conforto termoacústico dos ambientes.



Figura 10. Pátio, destacando os cheios e vazios (Fonte: Produção do autor)

As áreas comuns e íntimas da casa trazem o mobiliário necessário e adequado para cada ambiente, com pinturas, cores e decorações que garantem o conforto, aconchego e estímulo às crianças. Nos quartos em específico são adequados para cada idade, e seus usuários podem decorar sua área como quiserem.



Figura 11. Planta casa (Fonte: Produção do autor)

Na planta da edificação residencial pode-se observar a integração do *hall* social, jogos, estar, oficina e sala de jantar, formando um amplo pátio, área de circulação e convivência. Com este formato optou-se em deixar a sala de TV e de estudos privativa, assim como a disposição das suítes, cozinha e área de serviço.



Figura 12. Pátio interno (Fonte: Produção do autor)

O mini campo *Society* terá papel importante na humanização, conforme esclarecido por Paula (2011), assim como os redários e o deck. E a vegetação será aplicada, não só por

questões estéticas, mas também pedagógicas (como o uso da horta), visando a criação de microclima agradável, desenvolvimento cognitivo e bem-estar das crianças, conforme esclarece Queiroz (2020).

Quanto à disposição da planta da edificação administrativa (escritório) permite que os usuários externos entrem pela recepção e acessem por ela a sala de reuniões, também poderão se comunicar com a administração através de uma janela, deixando o corredor, administração, coordenação, sala de equipe técnica, copa e banheiros privativos aos funcionários. Também haverá um segundo acesso restrito a funcionários para a área administrativa através do estacionamento, desta forma eles entram pela copa e posteriormente podem acessar os outros ambientes da administração (ver figura 7).

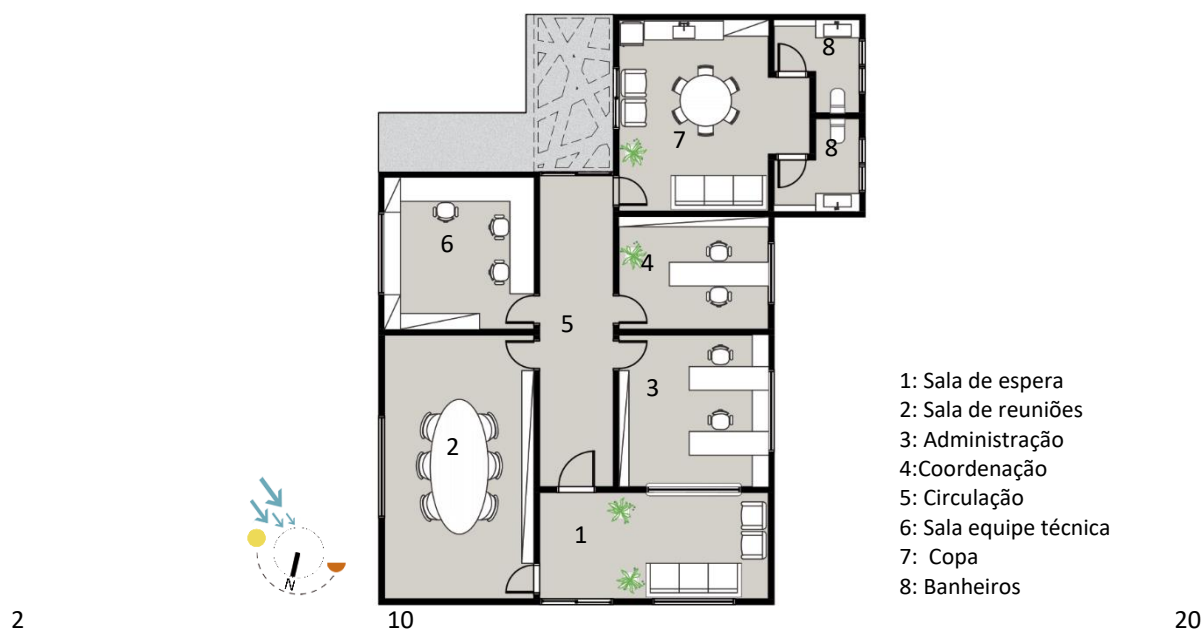


Figura 13. Planta escritório (Fonte: Produção do autor)

Os cortes e elevações esclarecem melhor o trabalho feito com a topografia, deixando as edificações em diferentes níveis. A Elevação “A” trata-se da elevação da Rua Vitor Curvello de Ávila Santos, onde temos o portão para entrada do estacionamento de funcionários (figura 8). Já a Elevação “B” trata-se da elevação da Rua Narciso José Craveiro, onde fica nítida uma diferença da fachada que dá a sensação de que o terreno é dividido em dois, ao lado esquerdo temos o portão de acesso ao escritório, e ao lado direito temos o portão de entrada da casa

(figura 9). Mesmo formando essas duas fachadas em uma, elas têm harmonia tanto entre si, quanto com o entorno.

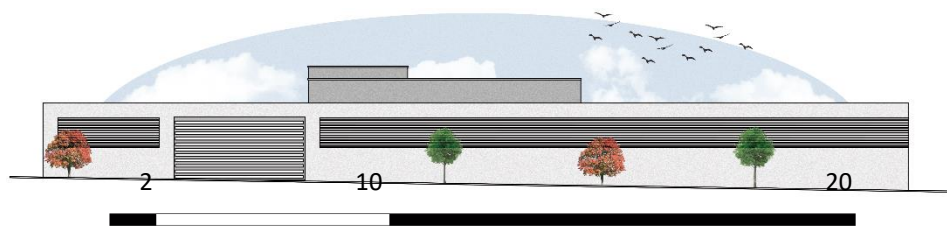


Figura 14. Elevação A (Fonte: Produção do autor)

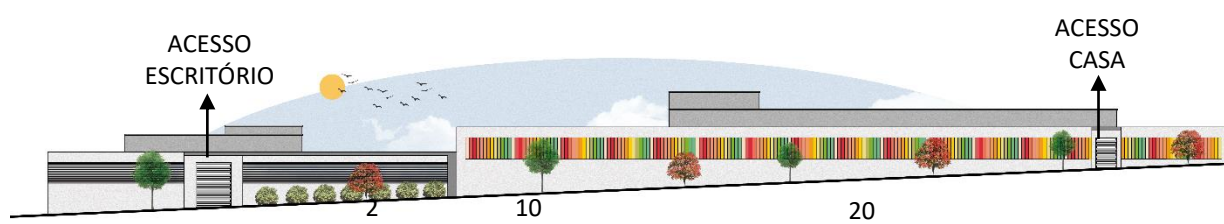


Figura 15. Elevação B (Fonte: Produção do autor)

O corte “A” (figura 10) é o transversal e os cortes “B” e “C” (figuras 11 e 12) são longitudinais, neles podemos visualizar com clareza as diferenças de níveis do terreno, a estrutura das edificações e onde passam os pergolados e a rampa.

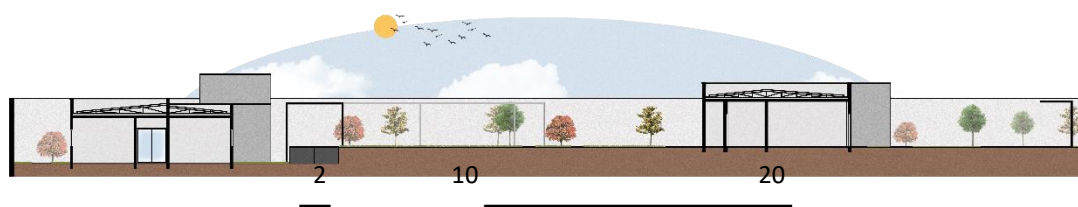


Figura 16. Corte A (Fonte: Produção do autor)

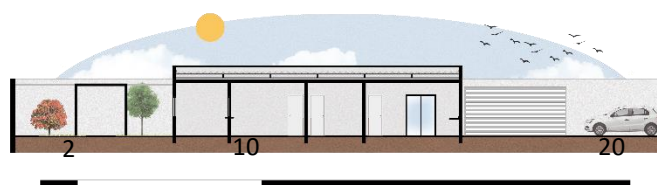


Figura 17. Corte B (Fonte: Produção do autor)



Figura 18. Corte C, sem escala (Fonte: Produção do autor)

CONCLUSÃO

Após o entendimento da importância de abrigos institucionais na sociedade, e o quadro que eles se encontram no Brasil, foi possível estudar sobre a história, as orientações técnicas atuais, sobre os abrigos e as dificuldades enfrentadas neles pelos cuidadores e pelos institucionalizados e abrigos que serviram de inspiração.

Com esse conhecimento foi possível projetar um abrigo visando um projeto arquitetônico adequado para que em conjunto com um projeto pedagógico possa funcionar da melhor maneira para as crianças terem os estímulos necessários, para serem inseridas na sociedade e o principal: se sentirem em um lar. O projeto foi pensado desde até os mínimos detalhes, pois o interior também é de suma importância para garantir o conforto e a estimulação dos sentidos da criança.

Buscando aplicar o conceito de "mais lar e menos instituição" utilizou-se da arquitetura humanizada, aplicando a flexibilização especial, a relação interior-exterior, trabalhando com cheios e vazios, transparências e opacidades e dando muito valor a natureza, que ficou bem presente no projeto e o conforto termo acústico, nascendo assim o Abrigo Amorico.

REFERÊNCIAS

BERGER, Prof. Dra. Maria Virgínia Bernardi. ASPECTOS HISTÓRICOS E EDUCACIONAIS DOS ABRIGOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: a formação do educador e o acompanhamento dos abrigados. Revista Histedbr On-Line, Campinas, v. 18, p. 170-185, jun. 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5324/art17_18.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

BRANDÃO, Alessandra Salina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcante de Albuquerque. PSICOLOGIA: REFLEXÃO E CRÍTICA. Rio Grande do Sul: Springeropem, v. 34, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WVQKGzqXMMc7VnQ4WB9NQJw/?lang=pt&form at=pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

BRASÍLIA, UNESCO. (org.). Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Criança e Adolescentes. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-alcolhimento.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.

CONSELHEIRO, Sequeira Vânia. Resiliência e abrigos. Boletim Academia Paulista de Psicologia, vol. XXIX, núm. 1, janeiro-junho, 2009, pp. 65-80 Academia Paulista de Psicologia São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94611474007.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

FERRARI, Wanessa. Bairros: de tudo um pouco. *Jornal da Cidade*. Bauru. 26 ago. 2012. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/bairros/2012/08/353010-bairros--de-tudo-u-m-pouco.html#:~:text=Jardim%20Maramb%C3%A1,-Quem%20conheceu%20a&text=Tudo%20come%C3%A7ou%20com%20a%20implanta%C3%A7%C3%A3o,apartamentos%20que%20comp%C3%B5em%20o%20condom%C3%ADnio>. Acesso em: 28 abr. 2021.

GODOY, Veridiana Emília; CARNEIRO, Felipe Alves; FONTES, Maria Solange Gurgel de Castro. Bairro verde. 8º Congresso de extensão universitária da UNESP, p. 1-5, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/142063>. Acesso em: 28 abr. 2021.

GUEDES, Celiemy da Silva. Da casa ao lar: pela humanização das unidades de acolhimento de crianças e adolescentes em Natal/RN. 190f.: IL. Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Tecnologia, Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Mestrado Profissional em Arquitetura, Projeto e Meio Ambiente. Natal, RN, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24479>. Acesso em: 25. abr. 2021.

LENCIONI, Caio. 47 mil crianças e adolescentes vivem em abrigos no Brasil. 2018. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/47-mil-criancas-e-adolescentes-vivem-em-abrigos-no-brasil/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MAGALHÃES, Celina Maria Colino; COSTA, Lígia Negrão; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves. PER-CEPÇÃO DE EDUCADORES DE ABRIGO: o seu trabalho e a criança institucionalizada. *Rev Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano*, Belém, v. 3, n. 21, p. 818-831, 12 jan. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/20034/22127>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MORAIS, Normanda Araujo de. TRAJETÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: entre o risco e a proteção. 2009. 241 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16660>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PAULA, André Luis Andrade de. Esporte para Jovens Acolhidos em Abrigos Institucionais: um meio para a inclusão social. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4631>. Acesso em: 25 abr. 2021.

QUEIROZ, Bárbara Terra. A VEGETAÇÃO COMO SUPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO IN-FANTIL EM ABRIGOS INSTITUCIONAIS. *Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico]: abordagem abrangente e polivalente 1 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Disponível em: https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/38857*. Acesso em: 25 abr. 2021.

SAVI, Aline Eyng. Contribuições da arquitetura sobre o acolhimento de crianças e adolescentes em abrigos institucionais. 301p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193463>. Acesso em 21 mar. 2021.

<https://www.archdaily.com.br/br/760562/casa-de-acolhimento-para-menores-c ebra>. Acesso em: 2 mai. 2021.

<https://www.archdaily.com.br/br/733949/centro-de-bem-estar-para-criancas-e-adolescentes-em-paris-slash-marjan-hessamfar-and-joe-verons-architectes-associates>. Acesso em: 2 mai. 2021.

<https://www.archdaily.com.br/br/778446/casa-rana-made-in-earth>. Acesso em: 2 Mai 2021.